

## USOS DE (EM)BORA EM CONVERSAS INFORMAIS: UM ESTUDO DESCRITIVO DE GRAMATICALIZAÇÃO

SANTOS, Aymmé Silveira – UFPB<sup>1</sup>

aymmeesst@gmail.com

BEZERRA, Maria Auxiliadora- UFCG<sup>2</sup>

cidabezerra@uol.com.br

### RESUMO

Os falantes de toda e qualquer língua utilizam estratégias variadas para garantir eficiência e eficácia em seu processo comunicacional. Dentre essas estratégias, há o uso de certas palavras em contextos linguísticos que não são os seus de origem, favorecendo uma mudança linguística. São os chamados fenômenos de lexicalização e de gramaticalização. Esse último, foco do artigo, transforma itens lexicais em instrumentos gramaticais. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo estudar o processo de gramaticalização do item linguístico (em)*bora*, muito recorrente no falar dos paraibanos. Para tanto, foram feitas gravações em áudio de conversas informais entre 25 (vinte e cinco) pessoas de gênero, de nível de escolaridade e de faixa etária diferentes. As transcrições dos dados obtidos seguiram as convenções propostas pela Análise da Conversação e pela Fonética. O trabalho se fundamenta em estudos da Linguística Funcionalista, sobretudo nas contribuições teóricas de Givón (1979; 2012), Martelotta (2011) e Castilho (2010), dentre outros estudiosos da área. Os resultados obtidos nos evidenciaram que o item linguístico estudado está sendo utilizado com sentidos diversos, ocasionando mudança de classe gramatical, e que a entonação com que é pronunciado também contribui para identificação de seus sentidos. Além disso, constatamos que todos os informantes da pesquisa estão utilizando o item *bora*, independentemente de fatores como nível de escolaridade, faixa etária e gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** (em) borá. usos e sentidos. gramaticalização.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e graduada em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande

<sup>2</sup> Doutora em Etudes Romanes, ênfase em Sociolinguística e Dialectologia Românicas, pela Université de Toulouse-le Mirail (1981).

## INTRODUÇÃO

A língua não é estática e é, mais especificamente, através da fala que ela se encontra em maior atividade, podendo possibilitar ao falante criar novas expressões ou adotar novos sentidos para expressões já existentes, com vistas a tornar mais eficiente e eficaz o processo comunicacional. Dentre os processos de mudança linguística que contribuem para a eficiência da comunicação entre os falantes, há o fenômeno denominado de gramaticalização, em que palavras de valor lexical, que representam ações do mundo, se tornam instrumentos gramaticais, adquirindo novas funções ou sentidos no discurso. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo descrever os diferentes sentidos que podem ser atribuídos ao item linguístico *bora* no processo de gramaticalização.

A escolha deste estudo se justifica, em primeiro lugar, porque não se pode estudar apenas o que está estabelecido como “correto”, como defendem os gramáticos tradicionais, já que estudos sobre mudanças linguísticas mostraram e vêm mostrando que usos da língua portuguesa, antes tratados como “incorretos”, aos poucos foram se incorporando ao sistema linguístico e, conseqüentemente, passando a serem considerados “corretos”, em segundo lugar, usos cotidianos recentes dos itens linguísticos selecionados apontam para sentidos variados, que futuramente podem ser incorporados ao sistema linguístico, e em terceiro lugar, porque constatamos a carência de estudos mais recentes sobre os novos usos desses itens, e que, portanto, nos interessou verificar neste trabalho.

Os informantes da pesquisa foram 09 (nove) homens e 16 (dezesesseis) mulheres, com faixa etária variando entre 14 a 45 anos, num total de 25 pessoas, cujo nível de escolaridade compreendeu a educação básica (ensino fundamental e médio) e a educação superior (graduação).

Apesar de ser relativamente pequena, essa quantidade de informantes possibilitou resultados satisfatórios, tendo em vista que o item linguístico *bora* está

sendo muito comumente utilizado na comunidade de fala. Além disso, baseando-nos em pesquisas feitas por Labov (2008), podemos afirmar que esse tipo de variação inerente à fala não exige grande quantidade de registros de falantes, distanciando do que os linguistas tradicionalmente acreditavam, e dessa forma, sendo possível comprovarmos resultados a partir de amostras com 25 falantes.

Os dados foram coletados através da gravação em áudio de conversas informais, independentemente dos ambientes em que se encontravam os informantes da pesquisa. Em seguida, foram feitas as transcrições das falas obtidas, seguindo as convenções de transcrição propostas pela teoria da Análise da Conversação. Em relação aos dados linguísticos ligados ao objeto de pesquisa, especificamente, o item *bora* e marcadores linguísticos que tiveram função de auxiliares desses itens, as transcrições foram feitas com base no Quadro Fonético Internacional (IPA-2005), tendo em vista que também buscamos verificar em nossa análise os processos fonéticos envolvidos durante sua pronúncia.

## 1. GRAMATICALIZAÇÃO NA LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA

O estudo do fenômeno denominado de gramaticalização teve seu desenvolvimento de maneira mais expressiva na Linguística Funcionalista norte-americana, durante os anos de 1970, e essa abordagem estuda as mudanças linguísticas considerando o(s) objetivo(s) da interação durante a atividade comunicativa, os participantes e o contexto discursivo, assim, “a gramática é vista como uma estrutura aparentemente fixa, congelada, mas que é criada e recriada por motivações comunicativas e cognitivas” (CEZARIO, 2012, p. 19,), e o modo mais pragmático de comunicação possibilita a formação de expressões sintáticas, demonstrando que discurso e gramática não são opostos, mas fazem parte de um mesmo contínuo.

No entanto, antes de se chegar a essa perspectiva do que vem a ser gramaticalização, vários estudiosos apresentaram definições a respeito desse

fenômeno. A primeira, proposta por Meillet (1912), se refere à “passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”, tendo o percurso léxico > gramática, isto é, essa noção considera que a gramaticalização é o fenômeno em que as palavras lexicais de categorias mais plenas (leia-se nomes, verbos e adjetivos) passam a se integrar a classes de categorias gramaticais (preposições, verbos auxiliares, advérbios). Lehmann (1995 [1982], p. 11-12), acrescenta à definição de Meillet (1912) a noção de que o processo de gramaticalização pode levar à mudança não somente de um item lexical para gramatical, mas de um item menos gramatical para mais gramatical.

Buscando ampliar a noção de gramaticalização, Givón (1979), linguista funcionalista norte-americano, sem desprezar as ideias defendidas anteriormente pelos teóricos citados, introduz a noção do discurso como um fator que influencia o desenvolvimento de estruturas e categorias gramaticais, e é com base nessa definição, já explicitada inicialmente, que esse estudo será feito.

## 2. MECANISMOS E MOTIVAÇÕES PARA A GRAMATICALIZAÇÃO

O processo de gramaticalização pode ser verificável através de alguns mecanismos decorrentes do que os funcionalistas denominam de iconicidade ou relações icônicas, isto é, uma motivação para que fenômenos linguísticos ocorram de uma forma ao invés de outra, apresentada, segundo Martellota (2011), como uma “inclinação oposta a uma outra tendência existente nas línguas: a arbitrariedade” (p.51), acrescentando a possibilidade de autonomia de escolha linguística por parte dos indivíduos aos estudos de Saussure (1989).

Mais voltado aos estudos linguístico-funcionalistas de natureza pragmático-discursiva, Martelotta (2011) discute acerca de quatro mecanismos, respectivamente: extensão; dessemantização; decategorização e erosão.

O mecanismo de extensão ou generalização de contextos abarca aspectos de natureza sociolinguística, discursivo-pragmática e semântica, que dão ênfase à

habilidade que o falante possui de utilizar palavras já existentes na língua para criar novos significados.

O mecanismo de dessemantização ocorre quando um elemento, ao ser utilizado em novos contextos, perde parte de seu sentido original, perdendo sua “expressividade”, e adquirindo funções de natureza pragmático-discursiva. Associada a esse processo, uma motivação recorrente dos falantes na criação de novas expressões está no fato de que há uma necessidade da utilização de formas linguísticas com sentido mais concreto para expressar novos significados de caráter mais abstrato. Uma das estratégias cognitivas que permite essa criação é a metáfora, de transferência conceptual, a partir da qual, segundo Heine et al. (1991 apud GONÇALVES et al, 2007), “não se formam novas expressões; predicções preexistentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas por meio da extensão de significados” (p. 43). Essa abstratização de significados, em que domínios lexicais ou menos gramaticais se estendem para mapear conceitos de domínios gramaticais ou mais gramaticais, está relacionada à forma como os indivíduos compreendem e conceituam o mundo que os cerca, nos permitindo reconhecer os “conceitos-fontes”, tendo em vista que um conceito é fonte a partir do momento em que se pode relacioná-lo a outro conceito, mais abstrato.

Outra estratégia que colabora para a dessemantização é a metonímia, também chamada de inferência, que possui uma motivação pragmática, em que um significado é especificado em termos de outro que está presente, mesmo que esteja encoberto, no contexto, envolvendo uma reinterpretação. Assim, por exemplo, uma palavra quando utilizada em uma frase na qual uma ideia, de alguma maneira está ligada ao significado da palavra, possibilita a formação de um elemento do contexto.

O mecanismo de decategorização constitui uma mudança de classe gramatical, isto é, um item linguístico, ao mudar de sua categoria original para outra, aos poucos, vai se fixando na língua novamente, deixando de ser uma categoria livre. Associado a esse mecanismo, está o mecanismo de erosão ou redução fonética, em que o elemento ao mudar de categoria pode sofrer fusão ou diminuição de forma, algo

recorrente na atividade comunicacional, visto que o falante busca se comunicar de maneira eficaz com o intuito de economizar na construção linguística.

### 3. O ITEM LINGUÍSTICO (EM)BORA

Said Ali (1971) verificou que a conjunção *embora* passou por um processo de gramaticalização através da perda de material fonético, isto é, com a passagem de *em boa hora*, cuja expressão tinha um valor temporal e era acrescido “a frases optativas ou imperativas, por sinceridade ou mera cortesia” (p. 189), para o *embora* de valor concessivo. O motivo pelo qual houve essa redução fonética se deu justamente pelo fato de que o uso da expressão em boa hora era muito frequente na época do imperialismo, na oralidade, e embora mantendo o sentido original os falantes reduziam essa forma tão comum e utilizada em diversos contextos, como hoje em dia ocorre com expressões do tipo *olha lá*, em que dizemos *olá*.

Com o tempo a expressão *embora* foi assumindo valores distintos. Outros estudos, tal como o de Neves (1999), constataram que o item *embora* também adquire a função de advérbio juntamente aos verbos *ir* e *vir*, por exemplo, na expressão *venho embora*, e que ainda pode adquirir um valor de “refutação de objeção”, podendo ser intensificado pelo advérbio *muito*, formando a expressão *muito embora*.

Corroborando com a ideia de que o item *embora* foi adquirindo um valor de contraste a um argumento, Martelotta (2011) apresenta o seguinte exemplo, retirado do *Corpus D&G*:

(3) Embora a noite tenha tido isso de engraçado, é triste saber que um garoto de dez anos estava às onze da noite vendendo rosas de mesa em mesa em um bar enquanto deveria estar dormindo, e pior, sem esperança nenhuma de alcançar sucesso na vida. (p.22).

A partir desse exemplo, percebemos que o item não apresenta valor temporal, como tinha inicialmente, mas contrasta o lado “engraçado” da noite, que estaria relacionado a algo positivo, com a tristeza de que “um garoto de dez anos estava às onze da noite vendendo rosas de mesa em mesa em um bar”, possibilitando o fortalecimento das intenções comunicativas para o ouvinte, e por isso, ligando ao aspecto mais pragmático de uso.

Vale salientar que, atualmente, o item *embora* está passando por processos de gramaticalização distintos dos já estudados, através, novamente, da perda de material fonético, possibilitando o surgimento da expressão *bora* e, conseqüentemente, passando a adquirir diversos outros significados, os quais estudaremos neste trabalho.

#### 4. MUDANÇAS DE SENTIDO NO USO DO ITEM LINGUÍSTICO *BORA*

No conjunto de dados gravados que coletamos, foram identificadas seis (06) ocorrências do item *bora*, pronunciado em contextos e sentidos diversos, denotando imposição, chamamento e outros, como veremos a seguir.

O exemplo 01 ilustra uma situação em que o item (em)*bora* é evidenciado na fala de I13 como um marcador de imposição:

Exemplo 01:

Contexto: diálogo entre I 02, I 12, I 13, sobre o jantar.

I 02: Nam mãe, meu amigo, a senhora só sabe fazer de frango é ((linguiça))? Sabe revezar mais não? Eu gosto é ((da linguiça))de boi...

I 13: Agora pronto, eu fico querendo agradar um e outro aí dá nisso..teu irmão quer de frango, aí o outro de boi, eu fico no tiroteio, agonia danada!

I 12: Oxe pronto, come isso aí logo “boy”, deixa de reclamar da vida!

I 02: Tô reclamando não. Se fosse de boi tu ia ficar muendo também. TU SÓ QUER o que quer!

I 13: Ei, [‘bɔrə] parar com isso né..NÉ MOMENTO não!

(Gravado no dia 13 de julho)

O item *bora* é apresentado na fala de I 13 para impor a I 02 e I 12 que parem de discutir em um momento considerado por ela inadequado, isto é, no momento de refeição. Nessa perspectiva, quando I 13 diz *bora parar com isso né*, podemos perceber que o item em questão é utilizado junto ao verbo no infinitivo *parar* como uma maneira de atenuar uma imposição, que ficaria mais evidente se o interlocutor utilizasse apenas o verbo *parar* no imperativo: *parem com isso*. Logo, podemos identificar um processo de mudança linguística da seguinte maneira: *parem com isso > vamos parar com isso > bora parar com isso*. Isto é, o modo de expressar a imposição foi gradativamente sendo substituído por expressões mais eufêmicas e o verbo *ir* foi substituído pelo item *bora*, proveniente do *embora*.

É relevante destacarmos a perda de material fonético que o item *embora* sofreu da vogal /ẽ/, representada na escrita por *em*, para que se gerasse o termo *bora*. Esse fenômeno retoma o que já havia sido discutido por Said Ali (1971), tendo em vista que o autor nos chama atenção para o fato de que o item *embora* se originou da expressão *em boa hora* e, gradativamente, foi passando por um processo de erosão fonética.

Portanto, ao que podemos observar, o item *bora* é mais uma decorrência desse contínuo processo de erosão fonética e, em razão disso, seus usos e significados foram se abrangendo, é o que Martelotta (2010) denomina de mecanismo de extensão, comprovado nos demais exemplos que se seguem:



Exemplo 02:

Contexto: diálogo entre I 11 e I 13 sobre os assaltos que ocorreram nos mercadinhos na rua onde moram.

I 13: ele botou o revólver na cabeça dele e mandou a mulher ir buscar

I 11: sim, mai...”c” me disse que teve ôto que ele/ que ele o cara disse “me dê o dinheiro , tire do seu bolso” que tinha no bolso sabe...aí teve uma hora que ele, meu amigo, foi dando de uma e uma nota aí o cara [‘bɔ::fə] meu amigo, mê dê o BOLO todo logo que e-u- se não eu ATIRO” aí o cara deu o bolo todo aí o cara pegou o bolo, diga aí, e foi embora...

(Gravado no dia 24 de julho de 2013)

No exemplo 02, I 11, em conversa com I 13, relata uma situação presenciada por ele de assalto em um mercadinho, reproduzindo, numa citação direta, o enunciado do assaltante. No enunciado, podemos observar que o assaltante fala *bora* com o intuito de apressar sua vítima a entregar o *bolo de dinheiro* do bolso, logo, a entonação e a acentuação da vogal /ɔ/ colaboram para gerar esse sentido. Para melhor ilustrarmos essa acentuação, observemos os gráficos 01 e 02, a seguir:

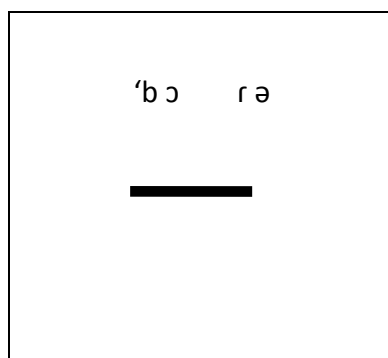


Gráfico 01: Acentuação linear da vogal /ɔ/

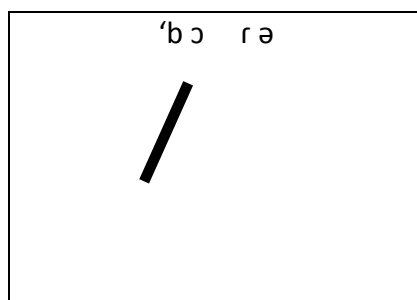


Gráfico 02: Acentuação ascendente da vogal /ɔ/

O gráfico 01 demonstra a linearidade da pronúncia da vogal /ɔ/ vista no exemplo 01 e, posteriormente, em outros exemplos. Essa linearidade pode ocorrer porque, como já havíamos discutido, para o falante o próprio verbo *parar* usado no imperativo demonstra imposição, sem atenuação que podemos inferir no uso *bora parar*, suavizada por esse pseudoconvite já possui uma carga forte, demonstrando um pouco de autoritarismo e, conseqüentemente, a entonação da vogal /ɔ/ se torna desnecessária. Diferentemente, o gráfico 02 demonstra a entonação ascendente de *bora* vista no exemplo 02, cuja acentuação da vogal /ɔ/ se torna necessária, considerando o seu contexto de uso, isto é, foi uma maneira de o assaltante apressar e pressionar sua vítima em uma situação de tensão.

Dessa maneira, retomamos o mecanismo de extensão discutido por Martellota (2010), já que como o contexto em que o item *bora* pronunciado pelo I 11, no exemplo 02, é diferente do contexto em que esse mesmo item é utilizado por I 13, no exemplo 01. Essa abrangência de contextos também é verificada pela mudança de acentuação da vogal /ɔ/, tal como já foi destacado.

Em se tratando das características dos informantes, percebemos que tanto no exemplo 02, quanto no exemplo 01, os informantes que usam o *bora* em seus turnos são de faixa etária, gênero e níveis de escolaridade distintos: I 11 é do gênero masculino, tem 34 anos e possui ensino médio completo; I 13 é do gênero feminino, tem 43 anos e possui ensino fundamental completo. Isso evidencia que o item em

questão está sendo utilizado pelos usuários da língua, independentemente desses fatores biossociais.

O exemplo 03 reforça essa realização, uma vez que o informante que fala *bora* (I16) tem 14 anos e possui nível fundamental incompleto:

Exemplo 03:

Contexto: diálogo entre I 10, I 15 e I 16 sobre a apresentação do colégio na disciplina de física.

I 10= tu faz assim ó, aqui tem num toTAL, trezentos e qua[[

I 15= [[não ela  
pega o livro assim né S10?

I 16= tá BOM! (apressada)[**'bɔ:rə]**...ou S10 [val **ti 'bɔrə]**...(risos)

(Gravado no dia 12 de maio de 2013)

I16 fala *bora* em dois contextos distintos: o primeiro com o mesmo significado visto no exemplo 02 (de apressamento) e o segundo para pedir que I 10 saia de perto. Dessa maneira, assim como I 13, I 16 ao falar *bora*, pronuncia a vogal /ɔ/ de maneira ascendente-linear, com o intuito de expressar o apressamento do ensaio do trabalho. Visualizemos essa acentuação no gráfico 03:

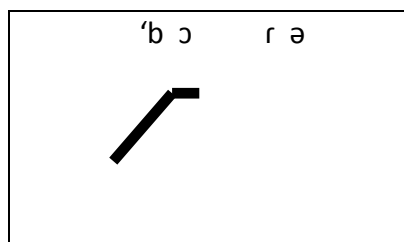


Gráfico 03: Acentuação ascendente linear da vogal /o/

A acentuação ascendente linear da vogal / ɔ /, como podemos observar no gráfico 06, enfatiza a vontade de I 16 de continuar o ensaio do trabalho do colégio, da disciplina de física. Diferentemente do segundo momento, em que I 16 podemos perceber que houve o mecanismo de erosão fonética, considerando que a expressão *vaitimbora*, provém de *vai-te embora*, atualmente pouco utilizado e, possivelmente, devido ao uso do auxiliar *vai*, I 16 pronuncia o *bora* de maneira linear (ver gráfico 01).

No português brasileiro, o uso do pronome oblíquo enclítico é mínimo ou pouco recorrente. Em casos como o visto no exemplo 03, não utilizamos o pronome antes do verbo *ir* no imperativo, haja vista que nos causa um estranhamento. Ao invés disso, falamos *vá embora* ou juntamos o pronome *te* ao *embora*, tal como I 16 faz e que é utilizado mais comumente. Considerando que ambas as palavras são finalizadas com a vogal /i/, fazemos o processo denominado de crase, isto é, uma modificação do item através da fusão dessas duas vogais em apenas uma: *vai-te embora* > *vai-timbora* > *vai tiimbora* > *vaitimbora*. Por causa da crase o *te* passa a constituir a primeira sílaba do *embora*.

Esse mecanismo é visto mais uma vez no exemplo 04:

Exemplo 04:

Contexto: diálogo entre I 06, I 07 e I 08 durante Jogo de avatar no computador.

I 06= I07 deveria ir hoje (para o shopping)

I 07= Deveria eu deveria...deveria

I 08=[**'bɔrɐ**], I 07!

I 07=Vou nada ((rindo))

I 08= (ininteligível)

I 07= tá vendo o som que tá aí logo atrás de tu? Pronto, não, não é esse, mas eu tenho um parecido com esse...

I 08= eu vou [mi 'bɔrɐ] (sair do joguinho)

(Gravado no dia 21 de abril de 2013)

No exemplo 04, I08 faz uso do item *bora* em dois de seus turnos. No primeiro turno, o *bora* adquire um significado de convite, chamamento, uma vez que I 08 chama I 07 para ir ao shopping, ao passo que I 07 nega o convite em risos.

Vale salientar que o primeiro significado do exemplo 04 se opõe totalmente ao visto no exemplo 03, em que I 16 não *chama*, mas *expulsa* I 10. Esse último significado (o de expulsão) é expresso todas as vezes em que o usuário da língua utiliza o verbo duas vezes consecutivas, ou seja, quando dizemos *vai timbora* ou *borimbora* expressamos o sentido do verbo *sair*, ao passo que o uso do *bora* sem um auxiliar, se estiver no mesmo contexto visto no exemplo 04, expressa o sentido do verbo *ir*, como se disséssemos *vamos*.

O segundo uso do *bora*, visto na fala *vou mimbora*, de I 08, nos mostra mais uma ocorrência do mecanismo denominado de crase, pois, como foi ilustrado no exemplo 03, é feita a junção da vogal *i*: *vou-me embora>voumi imbora> vou miimbora> vou mimbora*, já que não costumamos utilizar o pronome oblíquo após o verbo *ir*, na posição enclítica. O significado desse uso está relacionado ao verbo *sair*, no caso de S08, ele vai sair do jogo da internet.

Vejamos, no exemplo 05, mais uma ocorrência do item *bora* com sentido de *chamamento*:

Exemplo 05:

Contexto: ensaio de I 10, I 15 e I 16 para gravar vídeo de trabalho do colégio.

I 10= é né...

I 15= num dá pra vê o pé dela não

S16= sai da frente [[S10

I 15= [[num dá pra vê o chão não

I 10= [[tá o contrário, é bom tu girar ((a câmera))

I 15= ei, isso vai ficar esquisito...ó como é que vai ficar de  
[[cabeça

I 16= [[eu  
não to conseguindo enxergar

I 15= [[ó,  
dá pra vê tudo mas...

I 16= pronto

I 10=PRONTO, vai S16

I 15= ei, vai mai ((rindo))dá pra vê ela não/ dá pra vê só os  
braço, S10

I 10= é: então pronto

I 15= ah, tá [[bom

I 15= [[ei, baixa aí doido

I 16= [**bɔrɐ**] mais pra cá

(Gravado no dia 15 de abril de 2013)

No exemplo 05, o *bora*, assim como vimos na fala de I08, no exemplo 04, adquire o sentido de *chamamento*, haja vista que I 16 chama I 10 e I 15 para outro lado do ambiente em que se encontravam, para que a câmera as foque melhor.

Diferentemente, no último exemplo, a seguir (exemplo 06), o item *bora* adquire outro sentido, uma vez que em uma de suas ocorrências, o simples fato de I 09 dizer *bora* implica no entendimento por parte de I 10, de que deve devolver o notebook a I 09:

Exemplo 06:

Contexto: I 09 está navegando na internet, no notebook de I 10.

Depois de 1 minuto e 20 segundos

I 09= tá bom, acabou [‘bɔrɐ] (pedindo para I 10 sair da internet)

I 10= peraí...

I 09= passa... I 10 eu tenho que fazer OUTRAS coisas...já já vai começar o filme que a gente vai assistir [‘bɔ::rɐ] lo::go me dá...

I 10= pro:nto, I 09, sai...

I 09= eu mereço viu...

(Gravado no dia 16 de abril de 2013)

Através do processo de inferência, podemos entender que I 09, ao dizer *tá bom, acabou bora*, expressa, na verdade, *basta, me devolva o notebook*, o que nos permite identificar que ao mesmo tempo em que o *bora* serve de imposição, ele serve para apressar I 10. Já na segunda ocasião em que I 09 fala *bora*, percebemos o sentido já evidenciado nos exemplos 02 e 03, tendo em vista que o item é utilizado para expressar rapidez.

Para uma melhor visualização dos diferentes usos e sentidos do item *bora*, levando em consideração o alongamento da vogal o e o uso de verbo auxiliar, observemos o quadro 01, a seguir:

Quadro 01: Sentidos de *bora* identificados através da entonação da vogal /ɔ/ /

Significados	Vogal /ɔ/ linear	Vogal /ɔ/ ascendente linear	Vogal /ɔ/ ascendente
Bora de imposição	X		
Bora de apressamento		X	X
Bora de imposição e apressamento		X	
Bora de chamamento ou convite	X		
Bora indicando que vai sair ou expulsão (acompanhado de outras marcas linguísticas)	X		

Esses usos e significados do item *bora* nos demonstram o processo de gramaticalização, uma vez que seus usos estão cada vez mais abstratos, e em sua maioria, são utilizados com a função de verbos, mais especificamente, do verbo *ir*. Assim, podemos dizer que houve uma decategorização, tendo em vista que a expressão originária *em boa hora*, que aos poucos foi sendo arcaizada e se transformando na conjunção *embora*, atualmente adquire sentidos completamente distintos, ainda que o *embora* não tenha desaparecido da nossa língua.

Outro aspecto que nos chama atenção é a entonação da vogal /ɔ/, que é um fator determinante do significado do *bora*, como também o uso do auxiliar, que nesse caso é a repetição da própria palavra, cuja utilização implica em contextos até opositivos quando comparados aos contextos em que o *bora* aparece sozinho.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados discutidos acerca dos dados coletados, podemos concluir que o item linguístico *bora* está sendo inserido em conversas informais independentemente de fatores biossociais relacionados aos falantes do português brasileiro que constituem a nossa amostra. Esses fatores (faixa etária e nível de escolaridade) nos possibilitaram compreender que o *bora* demonstra a língua em uso como variedade não-estigmatizada na sociedade, uma vez que esses termos são recorrentes nos diversos contextos explanados, não diferenciando seus usuários.

Os usos e sentidos desse item foram diversos, denotando tanto um valor positivo, quando o interlocutor concorda com um convite do outro informante da conversa, ou negativo em situações em que o interlocutor denota pressa ou impaciência.

Percebemos a relevância da entonação nos casos em que os informantes expressavam um valor negativo, a partir da elevação da vogal tônica, exceto no caso em que o uso de um outro marcador linguístico como acompanhante do item servia como intensificador, substituindo, assim, a ênfase na vogal tônica desses termos.

Levando em consideração que a entonação influencia na mudança de sentido do *bora*, se fôssemos classificar esses usos mais recentes morfologicamente, consideraríamos como sendo uma interjeição ou locução interjetiva (quando acompanhada de outras marcas linguísticas), pois, de alguma maneira são expressões que traduzem algum estado emotivo de quem as fala, podendo indicar chamamentos, exclamações, interrogações, imposições.

Também, quando comparada às demais categorias gramaticais possuem uma certa autonomia (palavras ou expressões que por si só podem ser colocadas em termos de uma sentença) e são expressas com um tom de voz especial, ascendente ou descendente, de acordo com o sentido que se quer expressar. No entanto, vale salientar que, diferentemente das interjeições já conhecidas por nós, os tons ascendente e descendente do item *bora*, que verificamos, são muito mais complexos e

difíceis de serem apresentados ortograficamente, o que nos levou a transcrevê-los foneticamente no interior da transcrição da conversação.

Embora haja essa dificuldade, não devemos ignorar os aspectos de entonação desse item, o que é muito comum nas gramáticas tradicionais, haja vista que são de suma importância para que compreendamos os fenômenos de mudança linguística que nós, falantes da língua portuguesa brasileira, estamos gradativamente criando com o objetivo de realizar nossas atividades comunicativas. Além disso, é possível que essas novas expressões já presentes na oralidade sejam incorporadas à escrita, e daqui a alguns anos, possam estar presentes nas gramáticas da língua portuguesa brasileira, pois, como vimos ao longo desse trabalho, vários usos de itens linguísticos que antes eram apenas da oralidade, atualmente estão na escrita, além de terem sido incorporados às categorias gramaticais.

## REFERÊNCIAS

- BRINTON, Laurel J.; TRAUOGOTT, Elizabeth Closs. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University, 2005.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CEZARIO et al. *Funcionalismo Linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHRISTIANO, M. E. A.; HORA, D. da. O item linguístico pronto: entre a gramaticalização e a discursivização. In: CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. da. *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.
- GIVÓN, T. *A compreensão da gramática*. São Paulo: Cortez; Natal, Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2012.
- \_\_\_\_\_. *On understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.
- GONÇALVES et al. (org.). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HOPPER, P. TRAUOGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- HORA, D. da (org.). *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004.
- MARTELOTTA, M. E. *Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZÁRIO, M. M. (org). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Grupo de Estudos Discurso & Gramática, 1996.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.